

Início, meio e início de 2013 - CPX quilombista

Beginning, middle and beginning of 2013 - quilombist CPX

CAROL LUCENA

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – Brasil.

RESUMO

O pensamento circular de Nego Bispo, "início, meio e início", é fundamental para compreender as reverberações de 2013 nas favelas do Complexo do Alemão a partir de ações estético-políticas de um movimento quilombista jovem que nos últimos 10 anos criou uma escola comunitária, autônoma, matricentrada e que reflete-agindo cotidianamente sobre contra-poder, autodefesa, arte, educação e contracolônização.

PALAVRAS-CHAVE

Favela, quilombismo, maternagem, arte, estética, política

ABSTRACT

Nego Bispo's circular thinking, "beginning, middle and beginning", is fundamental to understanding the reverberations of 2013 in the favelas of Complexo do Alemão based on the aesthetic-political actions of a young quilombist movement that in the last 10 years created a community school, autonomous, matricentered and that reflects-acting on a daily basis about counter-power, self-defense, art, education and counter-colonization.

KEYWORDS

Favela, quilombism, mothering, art, aesthetics, politics

1 Meio

Brasil, Rio de Janeiro, Complexo do Alemão: na manhã de 26 de novembro de 2012 o jovem Mário Lucas de 18 anos foi cruelmente assassinado por dois policiais militares à paisana dentro de sua própria casa. Revoltados com a injustiça, um grupo de jovens moradores do Complexo do Alemão cria um evento em repúdio à barbárie em curso, chamado #Ocupa Alemão. Toques de recolher, invasões em domicílio, paralisação de escolas e estabelecimentos locais, assassinatos, revistas obrigatórias a todo e qualquer morador independente de sua idade; medo e tensão faziam parte daquele cotidiano de guerra que completavam ali 2 anos de implementação da unidade de polícia pacificadora (upp)¹. Tal qual o que já havíamos experimentado em 2007 na primeira invasão das forças militares brasileiras, quando inúmeras denúncias de execução por autos de resistência foram arquivadas, muitos deles por facas. O

¹ Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

projeto de militarização do Complexo contava com centenas de agentes de inteligências nacionais infiltrados no território, além da presença ostensiva do Exército Brasileiro, Marinha, Aeronáutica, Polícia Civil, Polícia Federal e por fim, a Polícia Militar. A invasão de 2010 foi transmitida por diversos canais, nacionais e internacionais. Além dos grandes veículos de imprensa, que inclusive ganharam prêmios pela cobertura da chacina, mídias sociais locais engajadas na transmissão de informação aos moradores em tempo real² foram fundamentais para a visibilidade mundial do fato. É impossível esquecer sensorialmente todo aquele cenário. A chacina alcançou o número aproximado de 160 vítimas³ entre mortos, feridos e desaparecidos.

O contexto mundial da morte de Mário Lucas no Complexo do Alemão e das ocupações militares nas favelas do Rio de Janeiro era o mesmo dos *Occupy* contemporâneos e globais. Diferente dos ocupantes de uma maneira geral por sua singularidade, mas inspirada sobremaneira no *Occupy Wall Street*, o Ocupa Alemão tornou-se uma das primeiras iniciativas do gênero organizadas por jovens de favelas cariocas. Num sistema genocida, existir é drible, onde à existência, à humanidade é implicada a colonialidade e a necropolítica (Mbembe, 2018). Diante do até aqui escrito, sustento que ocupar, para nós favelades portanto, é existir. É afirmar-se vivo no lugar e no espaço. É comprometer-se com um cotidiano em cosmopercepção (Oyèwùmí, 2004) com o território. Devir. Que não é semelhança, imitação ou identificação; não tem nada a ver com relações formais ou com transformações substanciais: o devir “não é nem uma analogia, nem uma imaginação, mas uma composição” (Deleuze & Guattari, 1980, p. 315). Ocupar como um devir é substancialmente compreender-se em retorno à uma das condições de favelade. É encontrar-se performando a linguagem, o significado do nome, de ocupar como verbo (Mondzain, 2007). Apenas um dos verbos cotidianos. É portanto existir no tempo para

² Indicado em 2018 como um dos negros mais influentes do mundo, Rene Silva, morador do Morro do Adeus, publicizou em tempo real via twiteer a ocupação militar na favela. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/rene-silva-do-complexo-do-alemao-esta-na-lista-dos-negros-mais-influentes-do-mundo-22901588>. Acesso em 25 fev. 2021.

³ Os números oficiais falam em 42 mortos e 80 feridos desde que a polícia ocupou o Complexo do Alemão, no dia 2 de maio. Entretanto, levantamento feito pelo jornal A Nova Democracia revela que número de vítimas pode chegar a 160, entre mortos, feridos e desaparecidos. Reportagem realizada nas favelas da Grota e Morro do Alemão constata o repúdio do povo à ação policial, enquanto estudiosos afirmam que a gerência estadual de Sérgio Cabral adquire contornos fascistas e atende aos interesses do USA. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-36/256-a-chacina-do-complexo-do-alemao>. Acesso em 25 fev. 2021.

a liberdade, libertar, agir para o desejo. Ultrapassar os limites temporais do gerúndio, descarrilhar (Nobles, 2009) e responder com verbos os adjetivos atribuídos tais como vagabundo, desocupado, com pulsão palmarina (Nobles, 2009). Para o #Ocupa Alemão, esta reflexão nunca esteve presente conceitualmente a ponto de transformar-se em ação, ou melhor, utilizar-se de uma linguagem deleuziana em nossas atividades cotidianas nunca foi uma realidade. Nenhum de nós sequer falou a palavra "devir" numa conversa informal ou tampouco no corre cotidiano. Esse corre cotidiano é cardiográfico (Noguera, 2013), intuitivo com requintes de malemolência, deboche, ginga e malandragens.

2. Meios

Dois dias após a morte de Mário Lucas, o evento #Ocupa Alemão sediado na favela da Nova Brasília, acolhia as denúncias dos moradores enquanto também denunciava em forma de poesia, música, cartazes, microfone aberto e abaixo-assinado, transmitido ao vivo pelas redes sociais. Forças da Segurança Nacional ocuparam por 19 meses o vale da Serra da Misericórdia que forma os Complexos da Penha e do Alemão, instituindo com requintes de crueldade a cultura da upp⁴ nas comunidades destas favelas. Em 2023, completaram-se 13 anos da implementação oficial da upp no Complexo do Alemão, e o projeto segue em curso. Ainda que dada como fracassada, a upp permanece ocupando o território com seus policiais militares instalados por 24h em pontos de acesso às ruas da região, sem garantir segurança e liberdade, sem que os números de mortos baixem, fazendo de crianças e jovens moradores de favela os maiores alvos de morte por bala "perdida".

Após o #Ocupa Alemão, o grupo resolveu transformar o evento em um coletivo de ação cultural chamado apenas Ocupa Alemão, que periodicamente promovia ações de reocupação das ruas locais, objetivando a retomada de agência sobre o território. A partir de 2013, após diversos encontros regulares e o desenvolvimento de ações locais, outros jovens foram se somando ao coletivo (eu sou um destes), e posteriormente outros saindo, promovendo a ciclicidade e novas

⁴ Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

gerações que o Ocupa Alemão, já um movimento, se formava. Num contexto nacional onde ocorria uma forte estratégia de repressões truculentas às mobilizações sociais nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, a criminalização de ações estético políticas que ocuparam e performaram revoltas aos grandes eventos como Copa do Mundo de Futebol (masculino) e Olimpíadas, reivindicavam Tarifa Zero e o fim da upp nas favelas cariocas, durante 2013 e 2014. Eram as Jornadas de Junho provocando prisões políticas de militantes no centro, ativistas e transeuntes, como foi o caso de Rafael Braga, jovem catador morador do Complexo da Penha, preso e condenado sem provas como incendiário ao portar desinfetante no mesmo local onde acontecia uma manifestação no centro do Rio de Janeiro. A mobilização para as questões políticas que envolviam a comunidade chamavam a atenção, principalmente para o extermínio organizado e ativo por parte do Estado, que por sua vez, recorreu ao discurso de guerra contra as drogas para justificar e agir com estética repressiva, diferente do que acontecia nas ruas do centro da cidade nas manifestações agendadas: as balas não eram de borracha por aqui, os corpos não eram presos e sim mortos e nem todos que morreram ou desapareceram estavam na rua. Mas, veja bem, em junho de 2013 corpos pretos, favelades e quilombistas também ocuparam as ruas do centro da cidade. Seria mais fácil dizer (para ser melhor compreendida) que todo o escrito até aqui tratou-se de um "início" - nas ideias de Nego Bispo. Mas não. Proponho que pensemos que o devir favelado, esse devir quilombista do qual trato, tem um início no meio do gerúndio cotidiano. Antes de junho de 2013, nós já vivíamos ocupações dentro do nosso próprio território, que, por si só, já é um território parido na ocupação de terras. Terras originárias, cheias de ancestralidade indígena e africana, compradas por um europeu, depois reocupadas pelas suas diásporas. Historicamente e ontologicamente cíclicos, os nossos "junhos" ou os nossos "2013" são renovados a cada invenção estético política comunitária de luta por vida e liberdade. Naquele mesmo ano organizamos plenárias populares, Campanha #CadeoAmarildo?, Gato Mídia, Farofaço, os eventos "A gente não quer só polícia" e "Copa pro Alemão Ver", o ato "A festa dos estádios não vale as lágrimas da favela", a "Marcha Nacional contra o Genocídio da Juventude Negra" e, posteriormente, a

"Marcha Nacional contra o Genocídio do Povo Negro", a "Campanha pela Liberdade de Rafael Braga" e outros eventos e campanhas.⁵

Segundo o relato de um morador da comunidade de Nova Brasília, na época da invasão, parecia até uma guerra. De noite ninguém dormia porque só se escutava o barulho do martelo batendo. O pessoal construía seus barracos de noite, pois quando a polícia chegava no outro dia ficava mais difícil de derrubar, porque tinha família dentro, todos se ajudavam, porque ninguém tinha dinheiro. Elas tanto passaram a organizar as ocupações, a fim de deixar áreas livres para os arruamentos, por exemplo, como gerenciar questões relacionadas à infraestrutura.⁶

O trecho acima é o relato de um morador em uma postagem do Voz das Comunidades, ONG atuante no Complexo do Alemão, sobre a ocupação do território pelos primeiros moradores. Meus avós também foram um dos primeiros moradores do Morro do Alemão, migraram do sertão paraibano e ocuparam um lote no morro. Removidos, a casa abriu espaço para a construção de uma das torres do teleférico e a upp⁷ Alemão. A casa posterior foi novamente removida para as "obras do PAC"⁸, iniciadas em 2008. Próximo ao que Frantz Fanon (2008, p.86) chama de práxis absoluta, me arrisco a dizer que uma práxis absoluta na verdade, que estaria na relação entre o ato de ocupar e o Estado, seria a invasão, com toda a violência e imoralidade que o termo carrega. Para tal "imoralidade", Achille Mbembe (2016) incorpora "humanidade" ao referir-se ao que Frantz Fanon propõe das violências sobre o colonizado:

O povo em questão vê-se de algum modo obrigado a exercer a sua liberdade, a responsabilizar-se, a definir-se a desfrutar a vida ou, pelo contrário, assumir a sua má fé. É obrigado a fazer uma escolha, arriscar a sua vida. A expôr-se, a investir em bloco as suas energias e seus recursos ocultos - condição para

⁵ Escritos sobre estes eventos e produções também podem ser encontrados no livro "Junho - potência das ruas e das redes", Fundação Friedrich Ebert, São Paulo, 2014. Assim como na Dissertação de mestrado da autora, entregue ao Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ. "Ocupa Alemão: favela/quilombo - organização comunitária, produção de saberes e morte". publicada em 28 de maio de 2021. Pode ser encontrado em http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2018_1-1761-ME.pdf Última visualização: 12 de junho de 2024.

⁶ Postagem de 30/05/2017, na página de facebook do Voz das Comunidades sobre as primeiras ocupações de moradia do Complexo do Alemão. Disponível em: https://www.facebook.com/vozascomunidades/posts/-curiosidades-das-favelas-hoje-vamos-falar-da-nossa-querida-favela-o-complexo-do/1564407790297196/?_rdc=2&_rdr. Acesso em 21 fev. 2021.

⁷ Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

⁸ Programa de Aceleração do Crescimento. Das dez maiores obras do PAC só duas foram concluídas. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2016/01/das-dez-maiores-obras-do-pac-so-2-foram-concluidas.html>. Acesso em 21 fev. 2021.

chegar à liberdade. Este arriscar, por todo lado, sustentado por uma fé inabalável no poder das massas e por uma filosofia da vontade - a de se tornar homem entre outros homens" (Mbembe, 2014, p.281).

O Complexo do Alemão também recebeu o Teleférico do Alemão no combo do PAC 2008 como proposta de melhoria à circulação dos moradores. No entanto, está fechado desde 2015. Para que suas torres fossem instaladas, milhares de casas foram removidas. Na postagem citada anteriormente, da página do Voz da Comunidade, destaco o comentário de uma moradora sobre seu pai, que foi morador da Praça do Terço.

O meu pai se chama Oscar, ele foi um dos responsáveis pela chegada da água até a praça do Terço, a água só chegava a noite, descíamos com as vasilhas, entrávamos numa fila, assim passávamos a noite subindo e descendo até enchermos o máximo de vasilhame em casa, era cansativo mais tbm muito divertido, nos juntávamos com os vizinhos e fazíamos aquela festa!!!!!!⁹

3. Início

O devir em ocupar é essencialmente um devir coletivo, familiar, comunitário, territorial, malandro, minucioso, silencioso e festivo. É sobre "início, meio e início", um lema para os que confluem na contra colonização (Santos, 2015): o Cpx¹⁰ do Alemão hoje é constituído das favelas Nova Brasília, Reservatório, Alvorada, Morro das Palmeiras, Casinhas, Fazendinha, Canitá, Pedra do Sapo, Mineiros, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Matinha, Grota e Morro do Alemão, do qual sou cria. Antes ocupado pelos Tamoios, que vivia às margens do Rio Timbó, no século XVIII¹¹ os jesuítas se estabeleceram na região sob extermínio dando origem à Fazenda de Inhaúma e seus engenhos. Expulsos, em 1760 suas terras foram desmembradas em várias fazendas que deram origem aos atuais bairros de Ramos, Bonsucesso e Inhaúma. A ocupação da Serra da Misericórdia ocorreu no início do século XIX e dividida em vários lotes, foi comprada por Leonard Kacsmarkiewiez, polonês refugiado da Primeira Guerra Mundial, chamado pelos moradores de "alemão" e sua propriedade como Morro "do" Alemão. Os primeiros registros de ocupação datam do fim da década de 1920 e no

⁹ Comentário da moradora Carla Tenchini - há 3 anos, data provável. Acesso em 22 fev. 2021.

¹⁰ Abreviação local (popular) para "Complexo".

¹¹ História do Rio - História dos Bairros - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Armazenzinho, disponível em: <http://apps.data.rio/armazenzinho/historia-dos-bairros/>. Acesso em 25 fev. 2021.

decorrer das décadas, muitas famílias de operários se instalaram nas imediações, principalmente após a abertura da Avenida Brasil: em 1940 a ocupação das áreas da Nova Brasília e Itararé e, em 1950, a ocupação que deu surgimento ao Morro do Alemão, da Esperança, dos Mineiros e a Relicário. Mas foi nos anos 1960 que houve um crescimento populacional expressivo, incentivado pelas indústrias na região e pela chegada dos nordestinos ao Rio de Janeiro. Em 1961, foi ocupado o Morro da Baiana e, a partir dos anos de 1970, surgiram a Fazendinha, o Reservatório de Ramos e o Parque Alvorada - Cruzeiro (1982). A história do Complexo do Alemão, assim como da maioria das favelas, é fundamentada na premissa básica de ocupação de terras. Conforme o trecho que segue, do jornal Voz da Comunidade¹² :

Com o passar do tempo e com a ausência de uma política habitacional que respondesse às necessidades de moradia da população, o próprio IAPC passou a permitir, por meio de cartas informais, que seus funcionários e comerciários construíssem casas nas terras da antiga Fazenda Camarinha. Mas o grande adensamento populacional do Complexo aconteceu nas décadas de 1960 e 1970, quando várias indústrias – como a Nova América, a Marialva Têxtil, a Cica, o Café Capital, a Castrol e muitas outras se estabeleceram nos arredores. Nesse período, passaram a ocorrer as invasões organizadas e coletivas. Com as invasões, surgiram também as primeiras associações de moradores do Complexo.

“Ocupado” pelo exército brasileiro, em 2010¹³, e, posteriormente, em 2012¹⁴, pela unidade de polícia pacificadora (upp)¹⁵, o "Coração do Mal"¹⁶ existe sob um cotidiano de guerra racial de alta intensidade (Ferreira, 2020), de racismo institucional (Ture, 1921), de genocídio (Nascimento, 1978) praticado violentamente pelas

¹² Periódico criado por Rene Silva (2005), então aluno da rede municipal, morador do morro do Adeus. Importante mídia desde 2011, quando Rene narrou a ocupação militar via twitter. Disponível em: <http://renesilvasantos.blogspot.com.br/2011/11/linha-do-tempo-o-crescimento-do-voz-da.html>. Acesso em 24 fev. 2021.

¹³ A Rede Globo cobriu o desenrolar dessas operações em todos os seus telejornais. A cobertura do Jornal Nacional trouxe imagens exclusivas e ganhou o primeiro Prêmio Emmy Internacional concedido a um telejornal brasileiro. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/ocupacao-do-complexo-do-alemao/>. Acesso em 25 fev. 2021.

¹⁴ Quase um ano e cinco meses depois, em 18 de abril de 2012, foi inaugurada no Morro do Alemão a primeira Unidade de Polícia Pacificadora provisória, com 600 policiais, homens e mulheres.

¹⁵ Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

¹⁶ Frase de Beltrame “O CPX É O CORAÇÃO DO MAL”. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contra-o-crime/noticia/2010/11/o-alemao-era-o-coracao-do-mal-afirma-beltrame.html>. Acesso em 25 fev. 2021.

estruturas sistêmicas do colonialismo (Fanon, 2015) e sob demandas subjetivas impostas pela necropolítica (Mbembe, 2016), que embaçam substancialmente o sentido de humanidade. Em 2015, ainda que o centro da cidade estivesse voltando à sua trivialidade, o cenário de guerra continuava sendo a nossa partilha dentro do território. Mortes e violações de direitos seguiam seu curso na normalidade da vida de centenas de moradores. Contudo, aqueles anos mostravam-nos dados específicos sobre a estética da guerra que vivíamos, e vivemos. O modelo da guerra que nos é imposta, o atravessamento da colonialidade na composição de nossas subjetividades, os traumas cosmopercebidos (Oyěwùmí, 2004) nos nossos corpos nascidos e desenvolvidos em guerra. O Ocupa Alemão neste momento, apresentava-se como um grande grupo de maioria de jovens que a partir de relações comunitárias e outras redes comuns, encontrava-se para discutir e desenvolver ações culturais no território, de forma autônoma e independente. Formavam uma nova geração que possuía como mote fundamental a agência (Asante, 2009) de sua agenda: se o extermínio organizado e ativo por parte do Estado recorre ao discurso de "guerra contra as drogas" para se justificar, ele produz, com base nos últimos 30 anos e registrado em 2012 pela Anistia Internacional, "56 mil assassinatos, que correspondem a 29 homicídios por 100 mil habitantes. Do total de vítimas, 30 mil eram jovens de 15 a 29 anos, sendo 90% homens e 77% negros."¹⁷ Logo, percebemos que éramos em nossa maioria, justamente, o grupo alvo da "guerra contra as drogas": jovens entre 15 e 29 anos, de maioria negra e moradores de favela. No entanto, entre nós uma presença era substancial para aquele cotidiano. Zilda Chaves, também conhecida como "dona" Zilda, era figura fundamental no grupo, mas fora dos índices de mortalidade nas favelas do Rio de Janeiro. Uma mulher preta, mãe e avó solo, e que no momento de sua entrada no Ocupa Alemão, em 2013, tinha 56 anos. Angustuada e indisposta com os partidos de esquerda, entendia que se não cabia lá, caberia menos na direita. "Viu", ou melhor, cosmopercebeu no Ocupa Alemão o quê ela precisava para responder às suas inquietações políticas e potencializar o seu corpo. Era na casa de Zilda que éramos acolhidos, seja em reuniões do Ocupa Alemão ou em qualquer momento que desejávamos. Tal qual nos lembra Malidoma Somé sobre o que é comunidade: "não

¹⁷ Conforme o Relatório VocÊ Matou meu Filho! Pode ser encontrado em:

<https://www.amnesty.org/en/documents/amr19/2068/2015/bp/>. Acesso em: 03 de jan. de 2024.

é um lugar de distração, mas um lugar de ser". (Somé, 1993, p.51 apud Almeida, 2020. p.153)

Jacques Rancière (2000) conforme esclarece acerca do debate entre funções políticas da arte na comunidade e a partilha do sensível, a esfera da experiência política organiza todas as dinâmicas da comunidade, e interfere naquilo que é visível e às suas mediações. Com isso, arte e política podem reconfigurar o sensível, ainda que sua intervenção na partilha seja dissensual e gerencie a existência de conflitos. Deste modo, "política" e "polícia" são organizações sociais distintas por ele, e ambas instauram poder e conflito entre os sujeitos que partilham o "sensível". A comunidade política é também estética, portanto, ou melhor dizendo, a política da estética dá forma à esfera da experiência política.

É a partir desta estética primeira (da partilha do sensível) que se pode colocar a questão das "práticas estéticas" (...) como formas de visibilidade das práticas da arte, do lugar que ocupam, do que "fazem" no que diz respeito ao comum. As práticas artísticas são "maneiras de fazer" que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com as maneiras de ser e formas de visibilidade. (Rancière, 2000. p.17)

À estética primeira da qual Rancière propõe com base em sujeitos que compartilham de princípios comuns, como uma estética a priori da nossa subjetividade política, neste caso nós nascidos e criados no Complexo do Alemão, separados em um lugar comum e em espaços de disputas políticas. A "partilha" implica tanto no que é vivido em comum como no que está em disputa. Então, em função daquilo que fazemos enquanto grupo e enquanto sujeitos, do tempo e do espaço, está a partilha do sensível como um sistema de evidências sensíveis. (Rancière, 2000). Conectada à dimensão do que é visível e dizível, exposto, e, portanto, é estético e é político, estético-político¹⁸.

Dando sequência cronológica aos fatos, em 2015 o Ocupa Alemão, cuidado e centrado na maternagem de Zilda e de sua casa, organiza uma série de eventos "educativos" de ocupação cultural que afirmavam poder e despossessão. Eram o

¹⁸ Conceito elaborado pelo Coletivo 28 de Maio. Coletivo de ações estético-políticas, constituído pelos professorxs doutorxs Jorge Vasconcellos / Deptº de Artes e Estudos Culturais - Universidade Federal Fluminense/ UFF & Mariana Pimentel / Deptº de Teoria e História da Arte - Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ. 8 de Maio. (2017). O que é uma ação estético-política? (um contramanifesto). Revista Vazantes, 1(1), 192-200. "Uma ação-estético política incide e embaralha a partilha do sensível vigente dando ensejo ao que denominamos um dispositivo de subjetivação artista. Isto é, à possibilidade de invenção e experimentação de outros modos de vida."

Ocupa Rock, Ocupa Rap e Ocupa Vandal que aconteceram sem abrir solicitação de licença à upp e que, principalmente, proporcionaram aprendizagem, artesanato, mobilização, engajamento e protagonismos jovens pretos/favelados. O Ocupa Rock tinha como princípio afirmar que o rock é linguagem da diáspora. Que o Rei do Rock não era o Elvis Presley mas Chuck Berry e Sister Rosetta Tharpe. Bandas de rock de favelas vizinhas foram convidadas, fotos de negres famosos por seu rock'n roll eram espalhadas, quilos de alimentos não perecíveis foram recolhidos como ingresso colaborativo à família de Rafael Braga, que não somente encontrava-se preso desde 2013, como agora adoecido pela insalubridade de sua cela. Posteriormente, o Ocupa Rap aconteceu sob os mesmos argumentos: reconhecer que ele nasce de uma vivência diaspórica e periférica, e que por isso o seu compromisso enquanto arte é a denúncia daquilo que não é visível a todas as camadas sociais. O Ocupa Vandal, na sequência, foi um evento de adolescentes e jovens de maioria negra, moradores e artistas, e tinha duas funções: desenvolver e aprofundar os desejos artísticos locais e os seus repertórios a partir da pichação e do grafite enquanto arte contra colonial, sua relação com o mercado (de arte), principalmente, compreender o vandal (nome dado ao tipo de pintura urbana não autorizada, fazendo alusão a "vandalismo" - palavra bastante em voga entre 2013 e 2015 a partir das ações estético políticas dos black blocs nas ruas do centro do Rio de Janeiro). Relacionar-se com o artista contemporâneo convidado¹⁹ e tecnicamente experiente era outra expectativa do evento. Foram 3 dias de trocas, pinturas coletivas e intervenções no alto do Morro do Alemão, uma das favelas do Complexo.

Organizamos entre 2013 e 2015 experiências políticas em estado de arte onde a arte se dava no acontecimento que aqueles sujeitos em relação produziam. Não somente em revidar à guerra imposta pelo colonialismo aos nossos territórios, ou em diálogo com o que acontecia nos centros urbanos brasileiros, mas pela vida relacional ser a configuração do nosso sentir diário e o acontecimento estético fazer parte da nossa vida política comunitária ordinária. Seguindo o fluxo dos fatos, nos propusemos a produzir um Zine coletivo chamado Aquilombando, que continha desde a capa que era uma colagem com imagens que tentavam relacionar favela e quilombo, como o nome do zine propõe, quanto suas páginas que reuniam poesia,

¹⁹ Alexander Hornest, mais conhecido como Onesto, personalidade negra da cena de arte contemporânea paulistana, é pintor, escultor, multimídia e grafiteiro desde os anos 90.

letras de música e fotografias do terrorismo colonial sofrido pelas favelas e as delícias de fazer, ser e pertencer às culturas do nosso território. Cabe ressaltar que o Ocupa Alemão era, naquele momento, formado por uma maioria de pessoas negras (pardos e pretos) sendo 3 estudantes universitários (me incluo, e não sou negra), 1 avó escolarizada na educação básica, 2 jovens que negavam a incursão no ensino superior como ato de resistência à dominação colonialista, e os demais que eram uma maioria de “fracassos escolares” que não concluíram a educação básica por motivos pessoais e diferentes. Escrever, portanto, era um ato de existência²⁰.

Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as divisões sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parcela dos sem-parcela que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante. Existe política quando existe um lugar e formas para o encontro entre dois processos heterogêneos. O primeiro é o processo policial (...). O segundo é o processo da igualdade. (Rancière, 1996. p. 43)

Tendo por partida o compromisso com uma produção estética funcional que perpassa o cotidiano no chão de uma casa de vó, a fim de constituir novos arranjos familiares desejosos por viver e conviver, o Ocupa Alemão configurava-se um movimento quase que situacionista, não ideológica, mas estética. E a conjuntura era estar-sendo cuidar-cuidando, em estado e atitude aprendente. A matricentralidade de Zilda, proporcionando maternagem em encontro confluyente com a jovialidade de toda a maioria, cosmopercebida no cotidiano, tratava da manutenção daquela partilha. Muitos “Ocupas” eventuais surgiram após 2015 com novas outras configurações de grupo. Saídas e entradas de integrantes geradas por conflitos e injustiças sociais como privações de liberdade de alguns dos nossos, agravamento de saúde mental e fim de relacionamentos afetivos geraram mudanças significativas nas ações estético-políticas do Ocupa Alemão.

A partir do observado na relação com crianças do entorno, mais especificamente daquelas que frequentavam a casa da Zilda, encontros mensais e posteriormente semanais, começaram a dar forma à uma ideia de “escola”. A leitura e a escrita, que justamente para os “condenados da terra” (Fanon, 1968) corroboram “existência”, apresentavam-se em déficit entre as crianças. Organizado na laje da casa de Zilda, o Ocupa Mente era o evento da vez em 2017. O objetivo era

²⁰ “Falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33)

desenvolver habilidades globais com referências diaspóricas com suportes de imagens e literatura. Grandes artistas, pensadores e representantes políticos negres foram apresentadas às crianças, assim como brincadeiras e jogos lúdicos africanos, indígenas e tradicionais. Com o passar das repetições dos encontros e o desejo da nova geração de integrantes do coletivo que já se chamava há dois anos Ocupa Alemão: Favela/Quilombo, a Escola Quilombista Dandara de Palmares era criada para atender às demandas infantis comunitárias. Ainda na laje de Zilda, a escola buscava que os encontros elevassem a autoestima daquelas crianças, gerassem relações de representatividade fenotípica entre crianças e professores, experiências estéticas a partir do brincar e a maternagem como ponto de partida, assim como o devir quilombista do Ocupa Alemão por anos a fio com os jovens. Diante de tantas ações e práticas de genocídio do povo brasileiro, as experiências e ações estético-políticas que desenvolvemos desde 2013 culmina no que a Escola Quilombista Dandara desenvolve e oferece à comunidade hoje, em 2024. O quilombismo revela-se contrapoder, força motriz ante um processo encarcerador e genocida dos povos "minoritários" no Brasil, assim como os quilombos e as aldeias indígenas tal qual as favelas, são territórios onde a polícia apresenta-se politicamente fundamentada em ser/agir perpetuamente escravocrata tal qual os capitães do mato no Brasil colônia, sob um modus operandi estético de mesma força e violência: ocupar, controlar, violar e exterminar. Favelas, quilombos e aldeias sofrem impacto corporal por serem territórios contracoloniais e confluem em suas urgências sensíveis. (Santos, 2019). Artes contracoloniais insurgem na favela, no Complexo do Alemão, na Escola Quilombista, inscritas no ser-existir e produzir verdades e imagens, que independem da definição do que é a arte ou uma prática artística, mas que colaboram para criar formas de vida e existências. Embora as fronteiras entre o espaço da arte e o espaço da vida sejam embaralhadas, o corpo como núcleo do saber, memória e narrativas comunitárias, cria. É ele o espaço e o tempo das invenções cotidianas e das experiências estéticas que firmam e fazem transbordar os limites impostos por modelos de dominação. Conforme Leda Maria Martins (2021) sobre o corpo-tela, aquilo que o corpo inscreve no espaço e no tempo é o próprio conhecimento.

A linguagem constituída pelo corpo em performance, pelo corpo vivo que, em si mesmo, estabelece e apresenta uma noção cósmica, ontológica, teórica e também rotineira da apreensão e da compreensão temporais. (...) O tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado

e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem.” (Martins, 2021. p. 22-23)

Se no campo das imagens, sobre o sensível ao ser configurado em sua ética, estética e poética, for possível afirmar que não há um lugar específico para as artes neste campo quilombista, seria deste modo, a ação da arte a maneira de ser dos indivíduos, da comunidade e suas singularidades/coletividades, submetidas assim às mesmas leis que regem as imagens na arte em outras instâncias?

[...] a experiência estética e a experiência de um sensível duplamente desconectado: desconectado com relação à lei do entendimento que submete a percepção sensível; às suas categorias e com relação a lei do desejo que submete nossas afecções à busca de um bem. A forma apreendida pelo julgamento estético não é nem a de um objeto do conhecimento nem a de um objeto do desejo. É nesse nem...nem... que define a experiência do belo como experiência de uma resistência. (Rancière, 2007. p. 130)

A Escola Quilombista Dandara de Palmares funciona hoje no contraturno da escola básica regular, e performa uma comunidade que continua mantendo a matricentralidade de Zilda como base forte, adicionando à esfera do cuidado cotidiano altas doses de organização, contradição e movimento. Mantendo o quilombismo como um conceito aberto, decupado para caber em um espaço e tempo favelados, performado por corpos-tela políticos, necropolíticos (Mbembe, 2016) em performance, de “*comportamento restaurado* implicando a ideia de uma repetição permanente, mas efêmera e que nunca se dá a conhecer ou se repete da mesma maneira” (Martins, 2021. p. 39). Considero, portanto, um desafio pessoal relacionar o ser-sendo de corpos-tela (Martins, 2021) num cotidiano de saberes corporificados que buscam organização comunitária, produção permanentes de ações estético-políticas enquanto força vital. É um desafio constante tentar descrever imagens nas quais o meu corpo compõe ativamente desde 2013, na relação comunitária da partilha do sensível que se dá no âmbito dos afetos e das emoções. “Diante de uma imagem, não devemos apenas nos perguntar qual história ela documenta e qual história é contemporânea, mas também de qual memória se sedimenta e de onde retorna.” (Didi-Huberman, 2011, p. 62, tradução nossa).

Nesta singular perspectiva exposta por Georges Didi-Huberman (2011), sobre os deslocamentos do tempo ou das temporalidades do quê ou de onde a imagem é testemunha, existem também as sobreposições e exasperações num processo

contínuo para sobreviver apesar do tempo, e de uma espécie de não-saber totalizante existente tanto no observar quanto ao descrever. Somos muitos corpos com muita, e por muitas vezes pouca, voz. É evidente que essa imagem que se abre e se fecha como corpos, e que desperta experiências, emoções, tensionam politicamente a dimensão tanto da imagem quanto da verdade, do real. Reformulo: esta tensão já abre a dimensão política das imagens, pelo menos à sua dimensão histórica.

A questão das imagens está no âmago desta grande agitação do tempo, deste nosso “mal-estar na cultura”. Seria preciso saber ver nas imagens aquilo de que elas são sobreviventes. Para que a história, liberta do puro passado (desse absoluto, dessa abstração), nos ajude a abrir o presente do tempo. (Ddi-Huberman, 2012, p.229).

4. Agora

Considero, portanto, a dimensão ética, estética e política dessas experiências territoriais, inscritas no meu próprio corpo, no campo da memória e da ação presente, ciclicamente (Santos, 2019) no sentido de ser “meio” em um “início” que já foi dado no tempo e que “se inicia” em si na experiência de compor e partilhar o presente, conformando em futuro o gesto que já é passado. Hoje, os professores ativos na Escola Quilombista Dandara de Palmares somos nós - aqueles jovens do Ocupa Alemão de 2013 a 2015. Buscamos fazer girar esse giro no cruzo, na espiral que nos encontramos pelo devir. Cuidamos de Rafael Braga, mantemos sua família estudando, conhecendo seus direitos, recebendo doações de cestas básicas. Cuidamos de outras mães de vítimas, dialogamos com o estado e removemos uma cabine de upp de dentro de uma escola no CPX. Criamos um movimento de autodefesa acadêmica dentro do território, expondo sanguessugas intelectuais e lutando por uma instituição federal universitária. Estabelecemos confluências importantes com outros movimentos quilombistas no Brasil. Tiramos os nossos da cadeia, somos o apoio de 30 famílias da escola Dandara. Somos aqueles que inauguram um ciclo favelado de início, meio e início onde o devir quilombista da arte (Vasconcellos, 2021) está inscrito num tempo aberto e se propõe a ser performance. Quem serão no futuro, dentro da nossa comunidade, aqueles que maternamos hoje? Somos, contudo, o gesto no corpo, a suposta inauguração das nossas ações estético-políticas comunitárias diárias que chamamos afetivamente de “escola” e de “complexo”.

REFERÊNCIAS

28 DE MAIO, Coletivo. O que é uma ação estético-política (um contramanifesto)? In **Revista Vazantes**, v. 1, n.1, 2017, p. 192-200. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20463>. Acesso em: 30 de jun. 2024

ALMEIDA, Luiza Nascimento (2020). **Natureza, Comunidade e Ritual**: música e ancestralidade em Malidoma Somé. *Ítaca* (Online), n 36, 136 - 163. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/itaca.v0i36.3188> Acessado em 09 de novembro de 2024.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro. 2009. p. 93-110.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. v. 1. São Paulo: 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 48 – 74.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: SciELO- EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Fred. MAAFA: **Políticas de morte no contexto da guerra racial de alta intensidade na Bahia contemporânea**. 2020

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral, poéticas do corpo-tela**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. Ensaio: Necropolítica. **Arte&Ensaio**: revista PPGAV/EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, 2016. p 122-151.

MONDZAIN, Marie José. **Homo spectator**. Paris: Bayard, 2007.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

NOBLES, Wade. **Shaku Sheti**: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa (org). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4) p.277 - 297

NOGUERA, Renato. **A ética da serenidade**: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. *Ensaio filosóficos*, v.1, p. 139 - 155, 2013.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of*

African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CODESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte; Autêntica. 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: Política e filosofia, 1996.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: Modos e Significações. 2ª edição. Brasília: Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÓ. 2019.

TURE, Kwane; HAMILTON, Charles V. **Black Power** – A Política de Libertação nos Estados Unidos. Jandaíra, 1ª edição. 2021.

VASCONCELLOS, Jorge. A Lança e o Arco, ou Por um devir-quilombista da arte. In: Revista **Farol**, v. 17, n. 24, p. 39–44, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/36353>. Acesso em: 30 de jun. 2024

Sobre a autora

Carol Lucena é doutoranda em Artes pelo PPGARTES/UERJ. Mestre em Educação pelo PROPED/UERJ com graduação em Artes Visuais pelo IART/UERJ, 2015. Professora de Artes na SME 4a CRE - Complexo do Alemão e Penha. Pesquisadora nas áreas: educação, favela e arte. Cria do CPX do Alemão e integrante do Ocupa Alemão e Escola Quilombista Dandara de Palmares no Complexo do Alemão. É mãe de Manu e Niara.

caroline_lsl@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5547862156042027>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5866-7746>

Recebido em: 30-06-2024

Como citar

LUCENA, Carol. Início meio e início de 2013 – CPX Quilombista. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 5 n. 2, n.p.. jul. – dez. 2024. <https://10.14393/EdA-v5-n2-2024-74255> [versão ahead of print].



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.